

É PRECISO ESTAR ATENTO E FORTE: DESAFIOS NA CURTA TRAJETÓRIA DE IARA IAVELBERG

SÔNIA BRANDÃO*

Resumo: Este artigo pretende apresentar a trajetória da psicóloga, militante estudantil e uma das figuras femininas de destaque no movimento de luta armada que se levantou contra a ditadura civil-militar que comandou o Brasil de 1964 a 1985. Trata-se de colocá-la em seu contexto, mas também para além dele, no que se refere à discussão sobre a condição feminina e os limites do pensamento conservador mesmo dentro de uma esquerda revolucionária.

Palavras-chave: Ditadura; Guerrilha urbana; Repressão política; Biografia; Condição feminina.

***Abstract:** Must be aware and strong: challenges in the short journey of Iara Iavelberg. This article intends to present the trajectory of the psychologist, student-militant and one of the feminist's figures who had an important part in the arming movement that stood against the dictatorship civil-military which conducted Brazil from 1964 to 1985. It's not only about putting her in her context, but also going deeper about the feminine condition discussion and the limits of the conservative thoughts even inside a revolutionary left.*

***Key-words:** Dictatorship; Urban guerrilla; Politic repression; Biography; Feminine condition.*

* Bacharel e Licenciada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e docente de História do Ensino Médio na Rede Particular em São Paulo. E-mail: <brandaoson@uol.com.br>.

“Estação do percurso de existir, lembrar está a meio caminho entre o viver e reviver. A nobre arte da biografia faz parte deste exercício regenerador, cultivada em paragens onde inexistente o medo da verdade [...]”¹

Introdução

Em 1992 a jornalista Judith Anselmo Lieblich Patarra publica pela Editora Rosa dos Tempos do Rio de Janeiro a biografia de Iara Iavelberg.² A biógrafa nasceu na Alemanha em 1935, a biografada em São Paulo em 1944. Foram cúmplices da mesma geração que transitou no palco da Maria Antonia em São Paulo, percorrendo os corredores da Faculdade de Filosofia onde estudaram e onde os ventos do efusivo ano de 1968 sopraram lufadas de contestação e convocaram tantos para a luta contra muitos inimigos: a ditadura militar, as desigualdades sociais, o imperialismo norte-americano, o machismo, a massificação cultural.

Iara era filha de imigrantes judeus – húngaros do lado materno e romenos do paterno – e morreu em 20 de agosto de 1971. Suicídio, sentenciou o Estado. Seus próximos lutaram anos para conseguir provar que fora executada por agentes da ditadura militar que fechavam o cerco contra os militantes da

¹ DINES, Alberto. Prefácio. In: PATARRA, Judith Lieblich. *Iara: reportagem biográfica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

² PATARRA, Judith Lieblich. *Iara: uma reportagem biográfica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

esquerda brasileira, armada ou não, a partir da edição do Ato Institucional n. 5 em 13 de dezembro de 1968.

A pesquisadora convidou um outro jornalista – Alberto Dines, filho de judeus russos, nascido no Rio de Janeiro em 1932 – para prefaciar a *reportagem biográfica* como preferiu Judith Patarra. Não é um convite casual. Patarra, que mergulhou no universo de Iara por sete anos, afirma que seu interesse por ela nasce da leitura de um dos contos de Dines, publicado na coletânea *Posso?* de 1972.³

No conto *Um caso único de saudade à primeira vista* Alberto Dines usando um engenhoso código de nomes e lugares fictícios – é claro, estamos em 1972, governo Médici, auge da ditadura militar no Brasil – relata como a notícia da morte de Iara Iavelberg (Moema no conto) e do silêncio que se seguiu ao enterro e ao luto, acabaram por instigar no jornalista a vontade de saber mais.

Quem fora Iara?

Não vamos nos ater a outros aspectos do texto de Dines – os adjetivos dirigidos a Carlos Lamarca, o pressuposto de que Iara fora conduzida pelo experiente *terrorista* como se não fosse dotada de vontade, a condenação explícita ao voluntarismo daquela geração. O que parece particularmente interessante é como os *cacos da História* insistem em aparecer à revelia das estruturas de poder e provocam a

³ DINES, Alberto. Um caso único de saudade à primeira vista. In: *Posso?* Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

vontade de alguns – jornalistas e historiadores – em pesquisar, cavar mais documentos e informações, elaborar um mosaico de memórias, no caso das biografias, em torno de um personagem.

Em *Grandezas e misérias da biografia* Vavy Pacheco Borges, ao lembrar que o indivíduo só existe dentro de uma rede de relações, demonstra-nos o quanto as biografias – tão caras, sobretudo nas últimas décadas, ao mercado editorial – podem ser fecundas no esforço de entender um determinado período histórico, como se pudéssemos *ver um tempo* por dentro, a partir da perspectiva de um de seus atores.⁴

Parece que Dines, primeiro e no calor da hora, e Judith Patarra, quinze anos depois e já vivendo a redemocratização do país, viram em Iara o que Borges chamou de *caso modal*: quando um indivíduo pode ser visto como representativo de um certo momento histórico e, portanto, pode servir para entender o todo. Do particular vamos para o geral, fazendo o percurso inverso do que estamos acostumados nas narrativas históricas.

Quem foi Iara Iavelberg?

O primeiro universo que forja a personagem Iara Iavelberg é sua origem judaica. A jornalista Judith Patarra toma como referência uma narrativa linear que, aliás, começa na origem das duas famílias (materna e paterna) que migram lutando contra as perseguições

⁴ BORGES, Vavy Pacheco. *Grandezas e misérias da biografia*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2014.

religiosas na Europa e as limitadas condições de sobrevivência em áreas mais periféricas do continente.

A busca de identidade a partir da comunidade judaica (particularmente a localizada no Ipiranga no final do Estado Novo) e de ascensão econômica e social no novo país são marcas indeléveis na formação de Iara.

A autora faz um recorte muito interessante, consistente e reforçada por pesquisa documental (destacam-se as crônicas da coluna de Carlos Castelo Branco no *Jornal do Brasil*) reconstruindo a personagem a partir de muitas falas – pessoas que conviveram ou conheceram mesmo que de passagem Iara. Fica evidente: Iara funciona como catalisadora de várias demandas de sua época. Nela aparecem impressas as tensões políticas, culturais, sexuais de formas muito latentes.

Neste mesmo sentido, é interessante como a jornalista monta o mosaico de impressões que Iara gravou em várias figuras: a família, os amigos de infância, os namorados, outros jovens ligados ao movimento estudantil e, mais tarde, à luta armada e à clandestinidade.

Retomando: Iara nasceu em São Paulo em 07 de maio de 1944 e foi assassinada em Salvador em 20 de agosto de 1971. A versão oficial falava em suicídio quando o prédio cercado pelo DOPS encurralou a companheira de Carlos Lamarca numa lavanderia de apartamento. Somente em 2003 sua família consegue autorização para exumá-la (o corpo foi velado em caixão fechado por ordem do governo militar), depois de muita resistência de

autoridades religiosas e laicas e comprovar que fora assassinada com vários disparos de metralhadora de uso restrito militar.

Entre uma coisa (nascimento) e outra (morte) Iara rompeu com todos os padrões possíveis, questionando valores à direita e à esquerda: casou-se e desquitou-se muito jovem, entrou na universidade (numa comunidade onde as mulheres são educadas para o casamento), engajou-se no movimento estudantil logo no início da ditadura militar quando começava o curso de Psicologia na USP e como professora do Centro Acadêmico da Maria Antonia que oferecia um pré-vestibular e ao mesmo tempo arregimentava mais militantes para a luta política, saiu com os homens que desejava, questionou o machismo, o falso moralismo, foi exuberante nas relações sociais e sempre, sempre muito elegante e bonita (porque para ser clandestina e guerrilheira precisava-se ser desleixada e de mau gosto?, declarou várias vezes).

Iara não foi uma intelectual de esquerda, não produziu teoria política (definitivamente não foi uma Rosa Luxemburgo). Mas, foi uma militante vinte e quatro horas por dia, das ações cotidianas e decisões mais domésticas até a morte na luta armada.

Interessante que tenha sido seduzida e tenha seduzido um dos grandes líderes na esquerda armada do auge do regime militar que, por sinal, tem com Iara vários pontos de aproximação. Carlos Lamarca (RJ, 23 de outubro de 1937 – BA, 17 de setembro de 1971) era um militar de carreira, chegou a dar treinamento a funcionários de bancos em ações de contraguerrilha urbana, “converte-se”, fogue

do Quartel de Quitaúna, em Osasco, onde servia levando dois caminhões, armas e munições e vai liderar a Vanguarda Popular Revolucionária – VPR (que abandonará para integrar os quadros do Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR-8 quando faz opção pela guerrilha rural) em várias ações.

Também não era um teórico, sua preocupação estava na prática. A partir de 1969 vive com Iara o cotidiano da clandestinidade, as dúvidas sobre as possibilidades de uma revolução de esquerda no Brasil, a necessidade dos recuos diante do avanço da repressão violenta.

Fugindo da perseguição que recrudesce vão para a Bahia: ela fica em Salvador à espera de seu sinal para ir para o campo: talvez o caminho estivesse na guerrilha rural como em Cuba e não nas ações urbanas. Lamarca morre no interior da Bahia, depois de um longo cerco, menos de um mês depois da morte de Iara, ainda acreditando na inexorável revolução popular.⁵

Iara (assim com Lamarca) possui a marca indelével de seu tempo e, de certa forma, resume várias tensões – é esta particularidade que atraiu Judith Patarra (não exclusivamente o fato de Iara ser a mulher de Lamarca, pois ela tem biografia e luz próprias).

Dentre os muitos recortes que podem e merecem ser feitos, acredito necessário levantar pelo menos dois que caibam no formato deste artigo – o que significa que restam vários desafios ainda sobre esta personagem.

⁵ LAMARCA. Direção: Sérgio Rezende. Produção: Mariza Leão; Sérgio Rezende. Intérpretes: Paulo Betti; Camilo Beviláqua; Roberto Boitempo; Carla Camurati e outros. Roteiro: Alfredo Oroz; Sérgio Rezende. Morena Filmes, 1994. 130 min, son., color.

Primeiro quando pensamos Iara Iavelberg como militante do movimento estudantil no auge das manifestações que explodem a partir de 1964 e que atinge seu auge em 1968. Á época Iara formava-se na Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) na ruidosa sede da Rua Maria Antonia em São Paulo. Passara a lecionar no cursinho do Centro Acadêmico e, por um breve tempo, orientou estágios de outros estudantes o que poderia ter lhe rendido uma vaga nos quadros da mesma Universidade.

Mas os tempos eram outros e existiam outras urgências para aqueles que estavam atentos. A partir de 1967, na troca de plantão do General Castelo Branco para o também General Arthur da Costa e Silva, o aparelho policial-militar sofisticava-se, infiltra-se nos movimentos sociais (especialmente operário e estudantil) e monta uma estratégia para fortalecer o regime. É neste quadro que Iara, convidada pelo irmão Samuel Iavelberg, passa a participar do primeiro grupo político de extrema esquerda que irá derivar para as ações de luta armada – a Organização Revolucionária Marxista Política Operária – POLOP (mais tarde, fundiu-se com outros grupos à VPR de Lamarca).

Até o final de 1968 – ou seja, até a edição do Ato Institucional número 5 – Iara Iavelberg combinou as discussões internas do grupo com a militância pública no movimento estudantil. As assembleias, as passeatas, as aulas, os debates que aconteciam no entorno da Maria Antonia e outras universidades e em diversos espaços culturais – estamos falando do tempo do Arena, do Oficina, do Cinema Novo, da Música de Protesto – forjaram a militante.

Como militante estudantil acabou conhecendo muita gente. Alguns presos e exilados, depois do furacão provocado pelo AI n. 5, não cruzariam mais o seu caminho. Outros cairiam na clandestinidade imposta pela luta armada e reencontrariam Iara Iavelberg em muitas situações até o desfecho de 1971. Nos relatos apresentados pela autora por aqueles que a conheceram há um ponto em comum: a nenhum Iara passou despercebida. Sempre notada, transitava entre vários grupos, seduzia pela beleza, autenticidade e pelo poder de comunicação e articulação.

Quem quiser conhecer a efervescente década de 60 pode buscar vários caminhos. Convido-os a fazê-lo lendo *Iara – reportagem biográfica* da jornalista Judith Patarra. Os jargões, as divisões internas, os vários caminhos possíveis para aqueles estudantes, os bastidores da contrapropaganda, as estratégias de mobilização nas ruas tudo está lá.

Voltando a Borges em *Grandezas e misérias da biografia* a historiadora ao discutir o lugar do gênero *biografia* no jornalismo, na literatura e na produção histórica acadêmica atenta-nos para as vantagens dos jornalistas com a narrativa e daí o seu sucesso editorial. No entanto, mesmo para os historiadores que, por dever de ofício se cercam do rigor do método e da fidedignidade das fontes, ao conhecer o biografado entendemos o seu tempo e seus outros personagens:

[...] Como se pesquisa a vida de um indivíduo? Por intermédio das “vozes” que nos chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficaram registrados, ou seja, por meio das chamadas fontes documentais. Como “sem documentos não há história”, os vestígios que encontramos em boa medida condicionam nossa ambição de investigação [...].⁶

⁶ BORGES, op. cit., 2014, p. 12.

Dos *fragmentos* que serviram para costurar a biografia de Iara Javelberg sabemos de outros detalhes de seu encontro com o Capitão do Exército Carlos Lamarca que, junto com o militante comunista de longa data, Carlos Marighela, irão mobilizar uma grande rede de agentes da repressão que foi marca do auge da ditadura no Brasil. Marighela foi executado em São Paulo em São Paulo numa operação comandada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, o mesmo que foi retirado pelos militares da força tarefa final que vai cercar e fuzilar Lamarca em Buriti Cristalino, sertão baiano em 17 de setembro de 1971 – quase um mês depois da morte de Iara em Salvador num cerco a um apartamento usado para esconder alguns procurados.

Para os generais cabia ao Exército a tarefa de corte marcial: Lamarca era um desertor, fugira anos antes do quartel de Quitaúna roubando armas para uma revolução que ele aderira recentemente. Sua família fora preservada porque exilada em Cuba. Ele envolveu-se com operários, estudantes, militares dissidentes e intelectuais que se acotovelavam clandestinamente e tentavam amearhar formas de resistência e de sobrevivência ao esquema de perseguição e repressão.

Tal resistência ia de *expropriar* bancos, armas, carros para alimentar uma luta contra o Estado tomado de assalto em 1964, até sequestrar diplomatas e empresários que eram usados como moeda de troca de presos políticos que corriam o risco real de morrer sob o julgo de torturadores ou eliminados como colaboracionistas do regime militar.

Numa destas ações Carlos Lamarca conheceu Iara Iavelberg que viveu com ele uma relação clandestina, marginal e condenada inclusive por outros companheiros da luta armada.

Muitos militantes próximos de Lamarca condenaram a relação recorrendo a vários argumentos. O ex-capitão era casado, sua família esperava no exílio o dia de voltar com o triunfo da revolução brasileira que muitos esperavam para breve. O caso extraconjugal era questionado quer pela força do moralismo, quer pelo peso que pudesse significar para a contrapropaganda empreendida pelo governo. Diria (e disse) o governo que a conduta dos militantes era isto: um atentado à família, à moral, aos bons costumes pilares da formação do povo brasileiro.

Outros ainda levantavam as dificuldades e custos – materiais e humanos – de proteger e esconder um casal. O peso do Capitão já era alto demais. Com a morte de Carlos Marighela toda a força das investigações foi canalizada para encontrar e eliminar Lamarca. Muitos foram presos, torturados, mortos no rastro do casal militante. No final, chegando a Feira de Santana, Bahia, Lamarca e Iara foram separados. Era urgente avaliar a situação do foco que vinham montando para o início da guerrilha rural há muito defendida por Lamarca. Para ele as táticas de luta urbana vinham sofrendo um enorme desgaste e, mesmo que necessárias para financiar a clandestinidade, perderam sua função de propaganda contra o regime. Pelo contrário, os assaltos e sequestros serviam de munição para a propaganda oficial que descreviam os militantes como sanguinários terroristas antinacionalistas.

Não houve tempo para um reencontro, muito menos para a revolução.

É aqui que podemos destacar outro viés de Iara Iavelberg, dentre os muitos possíveis.

Outro jornalista, Luiz Maklouf Carvalho, paraense nascido em 1953 que começou no ramo em 1974 e, diferente de Patarra, nunca tivera contato com Iara, mas militara na imprensa alternativa a partir de 1978, interessou-se em pesquisar o papel das mulheres na luta armada contra a ditadura militar n Brasil. Dos anos de pesquisa e coleta de depoimentos inéditos nasceu a obra, publicada em 1998, *Mulheres que foram à luta armada*.⁷ Esta obra oferece-nos um quadro interessantíssimo. A partir do cruzamento de várias fontes, Maklouf fala da participação de 15 a 20% de mulheres nos vários níveis nas ações da luta armada. Se colocarmos no seu contexto, este número significa muito. Afinal ainda estávamos no início dos anos 70 e as mudanças na estrutura familiar, no mundo do trabalho, na educação, na mentalidade da sociedade brasileira – para não dizer na cultura ocidental - ainda patinavam no tocante a questão feminina. Se nem o divórcio estava regulamentado, quanto menos a legitimidade das mulheres no mundo da política. Mulheres militantes estavam fora, muito longe, do imaginário coletivo.

É certo, demonstra-nos o levantamento de Maklouf e outros, que as mulheres participaram de várias ações da luta armada – rural

⁷ CARVALHO, Luiz Maklouf. *Mulheres que foram à luta armada*. São Paulo: Globo, 1998.

e urbana – e em diversos níveis. Estiveram tanto na linha de frente do Araguaia, quando nos bastidores da logística da guerrilha urbana.

Como, para a mentalidade da época, era inverossímil *mulheres guerrilheiras* (ou *terroristas* como reverberava a grande mídia à serviço do regime militar), muitas destas militantes eram usadas como fachada em assaltos, coleta de dados, levantamento de lugares. Algumas mulheres entravam em bancos com seus filhos para levantar o esquema de segurança e mapear o lugar que seria alvo de mais uma expropriação. Várias casas de família serviram de fachada para guardar perseguidos políticos. Neste teatro fundamental para preservar a vida de muitos, as mulheres cumpriam um papel essencial dando credibilidade ao cenário.

Também é verdade que muitas mulheres militantes questionavam estes papéis considerados pequenos por elas. Várias exigiam uma participação mais direta, efetiva, o que incluía pegar em armas e estar na linha de frente. Mais comum foi seu espaço na formação intelectual de outros militantes. Foram efetivas nos grupos de leitura e discussão teórica e no setor de comunicação.

Outro ponto interessante: esta porcentagem de mulheres perpassa todos os partidos e grupos de esquerda que optaram pela luta armada.

A Ação Libertadora Nacional, por exemplo, teve 76 mulheres processadas (15,4% do total). A Vanguarda Popular Revolucionária, 35 (24,1% do total de processados). O Partido Comunista do Brasil, 47 (18,1% do total). Mesmo considerando que essa presença estava limitada a alguns Estados – Rio de Janeiro, São Paulo e algumas capitais do Nordeste –, não era pouco para aquela época [...].⁸

⁸ CARVALHO, op. cit., 1998, p. 20.

Iara Iavelberg discutiu o seu papel, primeiro na POLOP e depois na VPR, questionando como outras a postura machista de companheiros que delegavam para as mulheres papéis acessórios. No entanto, seu debate também foi revolucionário em outras esferas.

Iara era considerada fútil, pequeno-burguesa, moça de classe média alta, aspirante à sociedade conservadora, cuja origem judaica do Ipiranga atestava toda a herança alienada de sua geração. Abandonando a formação secundária para se casar aos 16 anos com um médico ambicioso, promissor e 10 anos mais velho, Iara parecia trilhar o caminho de muitas mulheres de seu tempo e classe social, tendo o matrimônio ungido pelas famílias nucleares.

Relatam amigos e familiares que o casamento não foi suficiente para aquietar algo de extraordinário em Iara: a avidez em conhecer e experimentar e a certeza de sua originalidade. Alguns podiam criticá-la, mas nunca ignorá-la. A inquietude leva-a de volta ao Colégio – a vontade da mãe sempre foi que tivesse uma carreira superior. No terceiro ano abandonou a área de exatas – sempre apresentada como mais rentável – para abraçar a Psicologia. Queria uma vaga na USP, foi parar no curso oferecido no Centro Acadêmico da Maria Antonia, centro de São Paulo. Aqui começou a militância e aqui um novo embate.

A insistência de Iara em manter a elegância e vaidade provocará muitas polêmicas. Primeiro porque não via nenhuma contradição em ser militante e parecer bela. Comparecia nas reuniões, debates, passeatas sempre maquiada, com as unhas perfeitas, combinado

roupas, calçados e bolsas, cabelos impecáveis. Já na clandestinidade quebrava protocolos de segurança para cortar os cabelos em seu salão predileto (também frequentado pela elite paulistana) e brigava com outras companheiras que relaxavam na aparência: ser revolucionária não era incompatível com manter a identidade feminina. Ainda fazia questão de ir ao cinema, teatro, bares.

Desquitou-se. Morava sozinha. Escolhia seus namorados, não o inverso. Não se intimidava sob o peso do machismo do seu tempo. Machismo que vinha inclusive de mulheres que apontavam em sua vaidade fora de lugar, uma fraqueza inconcebível para os becos da clandestinidade que era a marca cotidiana da luta armada.

Para muitas outras militantes Iara era peixe fora d'água. Para quase a totalidade dos homens, ela não era de confiança, pularia fora no primeiro aperto. Fato comprovado, afirmaram alguns, quando pede para ser dispensada em meio ao treinamento no Vale do Ribeira comandado pelo capitão Carlos Lamarca, alegando problemas de saúde – pensava que estava grávida neste momento.

Comentam sobre o encontro destas personalidades tão distintas, os jornalistas Emiliano José e Oldack Miranda, biógrafos de Carlos Lamarca e, como Maklouf, combatentes da imprensa alternativa entre os anos 70 e 80

[...] No começo, a relação entre os dois não foi fácil. [...] Desde que rompera o casamento, Iara tivera somente transas rápidas, nada estável. Agredia os valores da Organização. Não se enquadrava exatamente no que chamavam de “moral proletária”. Sexualmente continuava

independente, não pedia licença a ninguém para amar. Dentro da VPR era uma mulher “comentada”, vaidosa e transeira, segundo os ortodoxos padrões morais predominantes [...].⁹

Na outra ponta, sofria por não conseguir engravidar, desejo que alcançou o máximo grau na companhia de Lamarca. Todos apontavam a loucura desta ansiedade, em meio à clandestinidade, a caminho da guerrilha rural. Para ter uma dimensão disto: às vésperas de sua morte, Iara procurou um novo médico (foram muitos desde o casamento aos 16 anos), em Feira de Santana, para consultar um possível tratamento para a infertilidade. No entanto, não cogitava o exílio. Optara pela luta e ao lado de Lamarca.

Em 27 de março de 2014, quando este artigo estava sendo preparado, os diretores Flávio Frederico e Mariana Pamplona (sobrinha de Iara) lançaram em São Paulo o documentário *Em busca de Iara*. Das cenas e relatos que construíram o filme, muito foi revelado. Um grato presente que vem se somar a outros documentários, às várias biografias e livros de memórias que começaram a ser escritas após a Anistia em 1979 e que são editadas até hoje. Prova de que estamos falando de um período que merece ainda muitos escritos, nenhum assunto está esgotado, muitas trajetórias precisam ser escritas e reescritas.

Das cenas e relatos que construíram *Em busca de Iara* muito foi revelado, inclusive a polêmica em torno do cerco ao prédio onde se escondia em Salvador, da manipulação das informações para que

⁹ EMILIANO, José; MIRANDA, Oldack. *Lamarca: capitão da guerrilha*. São Paulo: Global, 1989, p. 58.

Lamarca não soubesse de sua morte, da demora na liberação do corpo, o laudo do Instituto Médico Legal fortuitamente desaparecido, a proibição à família em abrir o caixão e, sobretudo, a sentença oficial do suicídio.¹⁰ Quantos ainda aconteceriam até Herzog?

Que este artigo possa servir de tributo à luta de sua família em busca da verdade e, quiçá, possa contribuir para entender o tempo de Iara. À sua memória.

Ninguém atravessa com Iara o vale das sombras, só e frágil, encurralada, tenaz, nobreza no rosto vítreo, sábia na soberba da morte. Os homens urram, você não tem saída, ponha as mãos no basculante, queremos ver! O ponto definitivo de Iara é com o algóz. Não comparece. Fiar, tecer, cortar. Ainda ouviu o estalido, discreto e elegante [...].¹¹

Referências

Bibliografia

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2014.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Mulheres que foram à luta armada*. São Paulo: Globo, 1998.

¹⁰ EM BUSCA de Iara. Direção: Flávio Frederico. Produção: Flávio Frederico; Mariana Pamplona. Documentário. Roteiro: Mariana Pamplona. Kinoscópio Cinematográfica, 2013. 91 min, son., color.

¹¹ PATARRA, op. cit., 1992, p. 515.

DINES, Alberto. Prefácio. In: PATARRA, Judith Lieblich. *Iara: reportagem biográfica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

_____. Um caso único de saudade à primeira vista. In: *Posso?* Rio de Janeiro: Sabiá, 1972.

EMILIANO, José; MIRANDA, Oldack. *Lamarca: capitão da guerrilha*. São Paulo: Global, 1989.

Fontes

EM BUSCA de Iara. Direção: Flávio Frederico. Produção: Flávio Frederico; Mariana Pamplona. Documentário. Roteiro: Mariana Pamplona. Kinoscópio Cinematográfica, 2013. 91 min, son., color.

LAMARCA. Direção: Sérgio Rezende. Produção: Mariza Leão; Sérgio Rezende. Intérpretes: Paulo Betti; Camilo Beviláqua; Roberto Boitempo; Carla Camurati e outros. Roteiro: Alfredo Oroz; Sérgio Rezende. Morena Filmes, 1994. 130 min, son., color.

PATARRA, Judith Lieblich. *Iara: uma reportagem biográfica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

Recebido em 15 de março de 2014; aprovado em 12 de maio de 2014.